

## Besenyó János: O contexto das missões UNAVEM/MONUA

A Angola, ainda colónia, os portugueses chamavam-lhe antigamente pérola de África. O país, no momento em que é tratado nestas páginas, perdeu o seu brilho, e por causa das guerras civis travadas nas décadas oitenta e noventa tornou-se opaco e gasto. Angola passou a ser nestes anos um mero brinquedo nas mãos das grandes potências. Nestes estudos e depoimentos, o leitor poderá tomar conhecimento do empenho da ONU para alcançar a paz, esforço que apresentamos pelas sucessivas missões UNAVEM I, II e III, e MONUA.

Pouco conseguiríamos do nosso objectivo se não contextualizarmos estas informações para o leitor do século XXI, pelo que serão tratadas não apenas as circunstâncias gerais da vida que esperavam os participantes das missões, mas também os factores que influenciavam a situação da segurança em que era cumprida a sua missão. Será que alguma vez ouviram que militares e polícias húngaros participaram em Angola nas missões de paz como observadores da ONU entre 1991 e 1999? Provavelmente não. Ou provavelmente bem poucos. Mesmo na Hungria houve poucas notícias na imprensa que tivessem dado conta de tal presença. Porquê? Talvez porque o contingente militar e policial húngaro nas missões em Angola vivia quase completamente isolado, exercendo a sua função sem o apoio de qualquer representação diplomática oficial. Ou então bastava a enorme distância para não chegarem à Hungria mais notícias destas missões. Ou então eram outras as notícias que se sobrepunham às das missões de paz angolanas, pois a região europeia – incluindo a Hungria – estava exposta a perigos à sua segurança que a afetavam mais de perto. Todas estas hipóteses têm um fundo de verdade, e são capazes de dar uma resposta, pelo menos parcial. Com ou sem elas, podemos concluir que o êxito ou o fracasso da manutenção da paz teve uma repercussão regional, ou mesmo global também, tanto mais porque veio a determinar os processos políticos em curso em todos os países da região. Nós, húngaros, de qualquer forma podemos estar orgulhosos de termos podido participar nestas operações sob a égide da ONU.

Como dissemos, a história aqui contada prende-se com a década de noventa, e muito especialmente com a segunda metade dela. Recuemos e vejamos portanto o que é que interessava às pessoas, ou o que pelo menos atingia o limite mínimo da curiosidade do leitor húngaro:

- Na vizinha região balcânica, o foco principal era a guerra da Jugoslávia, bem como os planos de resolução adoptados, ficando o protagonismo com as tropas multinacionais de manutenção da paz. Ocorre, mesmo assim, o massacre de Srebrenica, onde milhares de muçulmanos bósnios são massacrados, vítimas do Exército da República da Sérvia, e das forças paramilitares sérvias, conhecidas por Escorpíões.
- Chegam ao Kosovo as primeiras unidades das Forças de Segurança Internacional do Kosovo (KFOR - Kosovo International Security Force).
- Um sismo de intensidade de 7.1 na escala de Richter vitima mais de quatro mil almas no Irão.

- Por esta altura, a Rússia fica integrada nas cimeiras regulares dos „G7”, que a partir de então passarão a chamar-se „G8”.
- A Grã-Bretanha devolve Hong Kong à China e (re)começam as negociações de paz na Irlanda do Norte.
- Algures na Ásia Central eclode a primeira guerra entre russos e chechenos e tem lugar a batalha de Grozni, enquanto os talibãs tomam as rédeas do poder no Afeganistão.
- Na Albânia, o colapso dum “jogo do bicho” local ocasiona uma onda de manifestações e um quase estado de guerra, instalando-se por pouco tempo também neste país tropas de preservação da paz de composição internacional, com os italianos à cabeça num primeiro momento.
- Morre Diana, princesa de Gales, vítima dum acidente de viação em Paris.
- No continente americano dá-se o escândalo de Bill Clinton, envolvido num caso amoroso com a sua secretária, Monica Lewinsky.
- Aterra na superfície do planeta Marte a sonda espacial „Pathfinder”.
- O parlamento húngaro aprova uma “lei sobre as divisas”, que elimina os últimos obstáculos à convertibilidade da moeda nacional, o forint. Os cidadãos a partir desta data deixam de ficar limitados, por um chamado “plafond turístico”, na aquisição de qualquer moeda dum outro país.
- Em Budapeste gera-se o “pânico do Postabank”, em que os detentores de contas neste banco retiram em poucas horas as suas poupanças, num total de cerca de 70 mil milhões de forints, equivalente a uma sexta parte de todos os depósitos.
- Na cidade de Székesfehérvár, na Hungria, é inaugurada a primeira fábrica da IBM em toda a região centro-leste europeia, para a produção de discos rígidos (uma ferramenta informática hoje entretanto desaparecida).
- Óbuda, na Hungria, é cenário dum ajuste de contas, quando Prisztás József, figura cimeira da máfia local, é assassinado a golpe de mão.
- Göncz Árpád, presidente da República da Hungria, faz uma visita oficial na sede da NATO. Realiza-se o referendo nacional sobre a integração do país na organização euro-atlântica.
- atentado em Budapeste. Quatro pessoas morrem quando um engenho explode para tirar a vida a Boros Tamás, famosa figura do mundo da delinquência e da violência.
- Em África, a Eritreia ganha a sua independência da Etiópia. Eclode a primeira e a segunda guerras do Congo.
- O conflito étnico entre os Tutsi e os Hutu acaba num massacre que faz um milhão de vítimas no Ruanda.
- Fim do sistema de apartheid na África do Sul. Nelson Mandela é o primeiro presidente democraticamente eleito da República da África do Sul.

Simultaneamente a estes acontecimentos, numa outra parte do mundo, longe da Hungria, ao sul do Equador, na costa do Índico, na África Oriental, em Moçambique<sup>1</sup>, um punhado de militares e polícias húngaros acaba a sua missão, ao passo que um outro contingente se prepara para viajar para Angola numa missão semelhante. Chegamos ao começo da nossa história.

As Missões de Verificação da ONU em Angola<sup>2</sup>, e posteriormente a Missão de Observação da ONU,<sup>3</sup> que operaram entre Junho de 1991 e Fevereiro de 1994<sup>4</sup>, foram criadas depois duma guerra civil que se ia arrastando já por 16 anos.

Para a missão angolana de observadores de paz eram admitidos militares e polícias para o desempenho das funções de verificação e de observação<sup>5</sup>, sem utilização de armas.<sup>6</sup> Esperavam-nos condições puritanas que implicavam de vez em

---

<sup>1</sup> A missão da ONU em Moçambique (UN Operation in Mozambique [UNOMOZ]) decorreu entre os meses de Dezembro de 1992 e 1994. O país foi assolado por uma guerra civil de vinte anos, com um milhão de vítimas e uns dois milhões de refugiados nos países vizinhos. 70 % do território nacional foi minado. Soldados desmobilizados e guerrilhas formavam bandos armados e saqueavam por todo o país. A insuficiência da repressão da delinquência andava associada à falta de mantimentos do corpo policial, mal pago aliás, num mundo de corrupção generalizada. Uma resistência passiva dos dirigentes da polícia tornou a cooperação bastante complicada. Na transformação democrática da polícia local, na garantia dos direitos humanos, no melhoramento das condições técnicas e da qualidade do funcionamento, os polícias da ONU tiveram um papel preponderante. Na operação de apoio à paz da ONU, qualificada como particularmente bem-sucedida, a Hungria participou com 23 militares e 20 polícias. As razões que levaram à participação húngara foram idênticas em Angola, só que nestas operações já participaram também quatro batalhões inteiros. Estes constituíam uma força considerável e contribuíram para garantir a segurança dos observadores. Cf. Kiss Zoltán László: “Magyarok a békefenntartásban” (Húngaros na manutenção da paz), Budapeste, 2001, Editora Militar Zrínyi – HM Kommunikációs Kft, pp. 88-91.

<sup>2</sup> UN Angola Verification Mission [UNAVEM].

<sup>3</sup> UN Observer Mission in Angola [MONUA].

<sup>4</sup> A história da evolução desta missão conheceu as seguintes etapas: UNAVEM-I (Janeiro de 1989 – Junho de 1991); UNAVEM-II (Junho de 1991 – Fevereiro de 1995); UNAVEM-III (Fevereiro de 1995 – Junho de 1997); MONUA (Julho de 1997 – Fevereiro de 1999). Cf. Kiss Zoltán László, op. cit., pp. 88-91.

<sup>5</sup> Em tempos da Guerra Fria, uma parte das missões de manutenção da paz revestia-se de um carácter “tradicional”: controlar o cessar-fogo entre as partes, averiguando casos de violação dos acordos. Por seu turno, nas missões que tiveram o objectivo de forçarem as partes a aceitarem a paz, uma presença limitada ou baixa servia para protecção das ajudas humanitárias, bem como o seu transporte, limitando-se ao apoio das partes envolvidas. Uma nova era pós-Guerra Fria foi acompanhada por alterações de fronteiras e desintegração de países. Para a coordenação das suas operações de manutenção da paz gerais e abrangentes, a ONU criou em 1992 um departamento responsável (Department of Peacekeeping Operations – DPKO). A eficiência da organização depende da vontade política dos seus estados membros, que decidem numa dada e determinada situação se a ONU intervém ou não, e no caso de intervir, quando e como, ou seja, que tipo de operações visam pôr termo a um conflito. Fonte geral: Blahó András-Prandler Árpád: *Nemzetközi szervezetek és intézmények* (Organizações e instituições internacionais). Aula Kiadó, 2005.

<sup>6</sup> O serviço sem utilização de armas é característico entre os observadores. Estes diferem daqueles militares que serviam na missão em unidades militares regulares, cuja função era a de defender e vigiar a segurança dos acampamentos e serviços centrais da administração da ONU, bem como, em todo o país, de intervir militarmente em casos que o justificassem, como por exemplo defesa de outros observadores não-armados, garantia dos patrulhamentos, desactivação de minas, etc.

quando condições de vida e de trabalho desumanas, associadas a dificuldades de abastecimento alimentar, perigos decorrentes da luta armada e doenças contagiosas.

Em vez de fazer uma lista das doenças contagiosas, temos que mencionar em primeiro lugar a malária que, depois dos engenhos explosivos (minas) e dos indivíduos armados, constituía no país o perigo mais iminente.

No contingente húngaro quase todos contraíram a malária<sup>7</sup>, afortunadamente não causando porém nenhuma vítima. Lamentavelmente não foi este o caso generalizado dos capacetes azuis das outras nações. Mas houve uma adesão total de todos ao período pós-doença. Depois de convalescerem, todos vestiram com orgulho a t-shirt “Sobrevivi à malária, bem-vindo ao clube!”<sup>8</sup> Para além da malária, havia doenças de ocorrência geral em todo o país que os militares apanhavam, tais como infecções do sistema urinário, gastroenterite, cegueira dos rios, cólera, febre tifoide, paratifo, lepra, hepatite (B), febre amarela, poliomielite, meningite, às vezes raiva, dengue, infecções de parasitas e SIDA<sup>9</sup>, cujo número de infecções aumentava a cada dia. Em relação ao crescente número de infectados pela SIDA, temos que mencionar aquela opinião (colhida junto da experiência dos participantes na missão) de que provavelmente terão contribuído seriamente para a progressão da SIDA em Angola aqueles militares e polícias provenientes de países vizinhos, que também serviam no país, através do seu apetite sexual incontrolável. Havia também rumores sobre um insuficiente processo de seleção, que fez com que seropositivos ficassem integrados no respectivo contingente, já portadores da SIDA. Além de doenças contagiosas, virais e base de infecções da pele ou dos intestinos, as cobras venenosas, os insectos, os roedores e outros animais selvagens também constituíam fonte de perigo para os capacetes azuis.<sup>10</sup>

Os membros dos primeiros contingentes da missão, incluindo os primeiros grupos de militares e de polícias húngaros, desempenharam uma importante função na selecção dos pontos de deslocação<sup>11</sup> a serem agora construídos e instalados, como também nos contactos por estabelecer com os organismos locais aí encontrados. Duma forma geral, a população local vivia em extrema pobreza e em condições precárias. Passava-se muita fome e a subnutrição infantil era imensa. O humor e o dia-a-dia dos militares nesta missão era também marcado por estas penosas características. Não era nada fácil confrontar-se no quotidiano com estes fenómenos: gente que passava fome, vítimas de ataques armados, mutilados por minas, infra-estruturas destruídas, edifícios demolidos. Uns menos, outros mais, o certo é que nenhum deles podia ter fugido à carga psíquica e emocional do que via e vivenciava. Por outra parte, a beleza natural deslumbrante de Angola criava um contraste com o deplorável e triste panorama que as suas cidades apresentavam. As monstruosidades da guerra civil, prolongada por várias décadas, as perdas humanas e os trajectos trágicos que se acumulavam, não fizeram esquecer o sorriso do rosto dos angolanos, o que dava sempre um motivo para uma renovada esperança em si mesmos e nos

---

<sup>7</sup> Dr. Axmann Ágnes: *Fertőzõ és trópusi betegségek* (Doenças contagiosas e topicais), 2002, Alexandra Kiadó, pp.78-82.

<sup>8</sup> *I survived Malaria – Join the Malaria club!*

<sup>9</sup> Dr. Axmann Ágnes: op. cit., pp.78-82.

<sup>10</sup> Idem, ibidem. As “cobras” ou serpentes venenosas mais perigosos eram as víboras *causus*, *bitis* e as da família das *Elapidae*.

<sup>11</sup> Em inglês, “Team Site”.

que estavam a cumprir uma missão da paz, reforçando o sentimento de que sempre é possível um novo começo.

Entre os capacetes azuis, houve também alguns que não conseguiram ombrear com o desafio, que ficaram doentes ou que desistiram antes do previsto.<sup>12</sup> Além das circunstâncias supramencionadas, alguns fenómenos negativos internos também agudizaram um certo mal-estar entre os efectivos internacionais. Sem nenhum anúncio prévio, a ONU veio a cortar a pensão diária<sup>13</sup> que se destinava para o seu auto-sustento. Na capital e nas guarnições das cidades capitais de província, quase metade da diária estipulada era gasta no alojamento<sup>14</sup> para os que serviam na missão da paz. Duma forma geral, pode concluir-se que os padrões de vida e condições de alojamento local estavam muito aquém das normas esperadas num conceito civilizacional ocidental. As adversidades das condições de serviço e de alojamento eram, na maioria dos casos, pouco condignas e humanas. O alojamento em que se vivia consistia normalmente de tendas, com raras excepções de contentores ou de edifícios de pedra ou de tijolo, ainda construídos no período colonial português. Os escritórios da ONU nas capitais das províncias estavam equipados com geradores e baterias que só proporcionavam um abastecimento temporário de electricidade. De igual modo, o abastecimento de água era durante semanas e meses irregular e temporário, devendo habituar-se os que cumpriam o seu serviço nesta missão de manutenção de paz a um teia logística, que funcionava intermitentemente no que diz respeito à alimentação, água potável, correios ou abastecimento de combustível. A água para lavar a roupa era, na maioria das vezes, tirada à bomba dos rios da vizinhança, esperando cada um o seu turno, ou retendo a bicha que faziam os camaradas e os locais durante 30 ou 40 minutos, enquanto a água era tirada dos poços por manivelas e transportada a custo, em carros-cisterna.

A maior parte da rede rodoviária de Angola não estava apta para o transporte, já que era perigosa de mais, devido ao grande número de engenhos com que estavam minadas as estradas. Por esta razão, a maior parte do transporte de efectivos militares e policiais para a zona do interior, bem como o transporte de cargas civis e militares da ONU, fazia-se por via aérea. Em Angola, calcula-se que o número de minas colocadas se situe entre 9 e 15 milhões de explosivos.<sup>15</sup> O número estimado de pessoas amputadas de braços e pernas é de aproximadamente setenta

---

<sup>12</sup> Geralmente, os contratos de missão eram assinados por 12 meses, prorrogáveis por um período não superior a este, com certa flexibilidade aliás.

<sup>13</sup> Montante destinado ao auto-sustento. Uma nota: o auto-sustento das pessoas em Angola, já nos anos noventa era também muito caro, essencialmente devido aos distúrbios no abastecimento, causados principalmente pela guerra. A livre circulação de pessoas e mercadorias também não estava assegurada. Por outra parte, as condições podiam diferir consideravelmente de região para região. Por exemplo, nas regiões ricas em petróleo e diamantes, os preços praticados eram o dobro ou o triplo da média geral dos preços. Noutras regiões, menos favorecidas, o que se praticava era o comércio de trocas directas, sendo que o sabão azul tinha o valor de moeda). Para dar um exemplo, o açúcar e sal eram trocados por frangos ou cabras. Hoje em dia, Luanda é a segunda cidade mais cara do mundo.

<sup>14</sup> As condições de alojamento estavam classificadas na missão nas categorias A, B ou C, conforme o seu conforto: tendas, contentores ou edifícios de pedra ou tijolo. Conforme o contexto infra-estrutural e o acesso aos víveres (por exemplo, o litoral marítimo, o interior do país, regiões de minas de diamantes, ou campos de exploração petrolífera), tais categorias eram também elas próprias subdivididas.

<sup>15</sup> “Facts about landmines”, <http://www.landminefree.org/index.php/facts-about-landmines> (consultado em 20.12. 2012).

mil, incluindo oito mil crianças menores de 15 anos.<sup>16</sup> O número de inválidos aumentava com 150 ou 200 casos semanais, de que uns 7% acabaram por falecer. Ao largo das décadas da guerra de independência e da guerra civil prolongada, as partes beligerantes não preparavam mapas das zonas minadas, ou então estes mapas foram destruídos. Deste ponto de vista, a situação podia também considerar-se crítica.

Além das minas, os bandos armados, a situação caótica da administração pública e a precária segurança influenciavam de forma negativa o grau de segurança dos participantes da missão. As maiores cidades eram dominadas pelas forças governamentais, ao passo que as zonas entre as cidades eram controladas pela UNITA,<sup>17</sup> muitas vezes dividindo e hostilizando até famílias. Quem vivia e permanecia em áreas dominadas por uma ou outra das forças, era considerado simpatizante dessa força, mesmo contra a sua própria vontade ou convicção. Para os locais – e muitas vezes também para os funcionários da ONU – existiam limitações de movimentação, uma vez que não era de facto nada aconselhável a passagem duma para outra das zonas controladas desta forma, pois não tardavam a qualificá-los de espíões. Ambos os lados vigiavam e defendiam os respectivos territórios nas suas fronteiras visíveis ou invisíveis. Esta defesa era praticada por armadilhas, campos de minas improvisados, guardas armados e pontos de passagens *sui generis*. Transitar nestas zonas de fronteiras virtuais era ainda mais perigoso depois do anoitecer. Duma forma geral, podemos concluir que garantir a segurança das forças militares, policiais e civis da ONU era uma tentativa sumamente arriscada, sobretudo para aqueles que estavam em serviço de patrulhamento. De resto, o regulamento de segurança da ONU proibia também que depois do cair da noite fossem efectuadas tarefas de patrulhamento. Até de dia, o patrulhamento em viaturas requeria também o recurso a no mínimo dois efectivos.

No que diz respeito à comunicação, usavam-se estações de rádio de onda curta ou longa e seus respectivos relés. Encontrava-se também difundido o sistema por satélites artificiais CAPSAT, mas este sistema estava longe de poder considerar-se ideal. O seu funcionamento requeria corrente eléctrica, e já que na maioria dos postos de observação não havia acesso regular a electricidade, só nas cidades havia uma alternativa de comunicação. O reabastecimento dos pontos de observação deslocados, em metade dos casos só podia ser efectuado através de ponte aérea. A chegada dos aviões era dificultada não apenas por obstáculos naturais ou construídos, mas também por um possível fogo antiaéreo, factores que constituíam um grande desafio para os pilotos. Os observadores policiais geralmente trabalhavam juntos e misturados com os observadores militares em determinados pontos de observação dispersos, cuja composição média habitual consistia de 6 a 10 membros. O número dos efectivos podia aumentar para o dobro, no caso das operações UNAVEM III, por volta de 1996-1997, o que significava simultaneamente a diminuição dos níveis de conforto nos alojamentos, já anteriormente precários. A cada um destes postos deslocados de observação correspondia uma área de vigilância de várias centenas de quilómetros quadrados, ou até mesmo de milhares de quilómetros quadrados, conforme o caso.

---

<sup>16</sup> “Mines Awareness Project 1997”, UNICEF ANGOLA and Advocacy Project Proposal, Angolan Campaign to Ban Landmines (consultado em 20.12. 2012)

As funções e tarefas diárias consistiam em patrulhamento, manutenção de contactos, observação e vigilância, ou seja a fixação e o acompanhamento de quaisquer acontecimentos notados, que iam sendo notificados aos superiores por meio de relatório. No desempenho das suas funções, os capacetes azuis enfrentavam numerosos problemas. Em primeiro lugar, as estradas estavam intransitáveis e repletas de minas. Por outro lado, também não estavam equipados com suficiente número, estado e qualidade técnica de viaturas para executarem as suas tarefas. Os obstáculos naturais e construídos, bem como a existência de grupos armados, faziam recuar também o raio de operações dos participantes das operações de manutenção de paz durante o seu patrulhamento. As estradas de terra batida, no que diz respeito ao seu reconhecimento e transitabilidade, variavam conforme a estação: a maioria das que podiam ser usadas nas estações secas tornavam-se praticamente irreconhecíveis e inacessíveis nas estações de chuva. O curso e passagem de pequenos rios mudavam completamente de aspecto dum momento para o outro, com a subida do nível das águas, sendo por isso impossível a sua utilização.

Num país de aproximadamente 1,3 milhões de quilómetros quadrados, à semelhança dos filhos das outras nações, os húngaros eram divididos um por um, sozinhos, e a uma distância média de milhares de quilómetros um do outro. Uma das regras específicas da missão angolana era de que, nos vários pontos de deslocação, só podia estar destacado um observador de cada uma das nações que compunha a missão. Com esta regra, a ONU teria querido prevenir-se de alegados “casos de concentração nacional”, em que se formariam grupos internos de composição cultural e linguística pré-determinadas para evitar certo isolamento. Manter o contacto e assegurar a comunicação externa e interna foram desafios consideráveis, sobretudo em relação a nativos de composição étnico-linguística muito variada. Em numerosos casos, não estava presente um intérprete oficial delegado pela ONU, mas sim, e em substituição dele, alguns observadores militares e polícias lusofalantes, que dominavam esta língua e que em parte tinham a função de facilitar a comunicação do seu grupo de trabalho. No entanto, lamentavelmente os *peacekeepers* brasileiros, guineenses e outros não sabiam falar bem inglês. Por seu turno, acontecia também que os grupos étnicos à volta podiam não dominar em absoluto o português, falando os seus próprios dialectos, de que existem mais de cem no território de Angola.

Considerando os desafios, os soldados e polícias húngaros<sup>18</sup>, junto com filhas e filhos de outras nações, foram considerados idóneos e aprovados no decurso das suas actividades nas missões UNAVEM e MONUA da ONU em Angola. Fizeram-no com o objectivo de que o resplendor e brilho do diamante colonial de antigamente, livre e vivendo em paz, voltasse a iluminar o país, menina dos olhos de todos os angolanos. Bem hajam!

---

<sup>18</sup> Ver a lista anexa.

## **Lista dos efectivos húngaros que serviram nas operações de paz angolanas Angola – UNAVEM-II (Maio de 1991- Fevereiro de 1995)**

### **Polícias:**

Adorjáni Attila, alferes- mor  
Bánky Tibor, capitão

Borszéki Tivadar, primeiro-tenente  
Havas Zoltán, primeiro-tenente  
Kuti István primeiro-tenente

Nagy Géza, tenente  
Nagy Lajos, primeiro-sargento  
Palló Róbert, tenente

Sebestyén János, capitão  
Siska Gábor, primeiro-tenente  
Szenes Mihály, capitão

Dr. Szauter Zoltán, primeiro-tenente  
Dr. Temesi László, major  
Vass György, major

### **Militares:**

Andrási Kálmán, major  
Balogh Ferenc, capitão  
Bézi László, major

Boldizsár Gábor, capitão  
Braun László, major  
Czinege László, capitão

Csodányi László, capitão  
Deáki Csaba, major  
Faludy Sándor, major

Forgács László, coronel  
Gulyás József, capitão

Káló László, capitão  
Katona István, capitão  
Kállai László, major

Kovács Tibor, tenente-coronel  
Kövér István, major  
Kranciczki József, capitão

Makai Viktor, capitão

Nagy Árpád Zoltán, capitão  
Nagy Zoltán, capitão

Pallos László, capitão  
Pintér István, major  
Tatorján Béla, tenente-coronel

Tóth László, major  
Tóth Zoltán, major  
Török László, tenente-coronel

Varjú Gusztáv, major  
Varsányi Lajos, major

### **Angola – UNAVEM-III (Fevereiro de 1995- Fevereiro de 1997)**

#### **Polícias:**

Horváth Sándor, primeiro-sargento  
László Tamás, primeiro tenente  
Lipniczki István, tenente

Márkus Tamás Csaba, tenente  
Nagy Lajos, primeiro-sargento  
Palló Róbert, tenente

Streng Ferenc, major  
Surányi Péter, alferes  
Szalai József, tenente-coronel

Vass György, major  
Zólyomi Zsolt, alferes

#### **Militares:**

Kolok János, capitão  
Kondorosi Ferenc, major  
Nagy Albert, major

Nyári Dezső, tenente-coronel  
Pávics Sándor, coronel  
Perei István, major  
Szóke Attila, capitão

## **MONUA (Junho de 1997- Fevereiro de 1999)**

### **Polícias:**

Bacsa István, capitão  
Bozsik Ferenc, primeiro-tenente

Horváth Sándor, primeiro-sargento  
Hrabovszki József, primeiro-sargento  
Huszár Péter, tenente  
Karácsony Károly, tenente  
Kiss András, alferes

Kiss Károly, primeiro-sargento  
Ruzicska Zsolt, primeiro-sargento  
Dr. Szabó Károly, major  
Szlankó János, alferes-mor  
Szóke Ferenc, tenente  
Zsíros Mihály, capitão

### **Militares:**

Adorján János, major  
Bozsik József, major

Dikter József, capitão  
Dr. Varga László, major

Herter György, major  
Király László, tenente-coronel  
Mayer Csaba, major

Németh Sándor, major  
Pelczéder Gyula, capitão  
Solti István, tenente-coronel

Túróczi Zoltán, tenente-coronel  
Vámos József, tenente-coronel  
Varsányi Lajos, engenheiro major